O PERIGO DAS PROFECIAS AUTORREALIZÁVEIS

Análise das acusações mútuas entre a Rússia e o Ocidente: agressão militar, interferência política e desinformação alimentam uma dinâmica de profecia autorrealizável que intensifica tensões e conflitos.

Olivier Dujardin*

Imagem meramente ilustrativa, gerada por inteligência artificial.

No início de 2025, Emmanuel Macron declarou que "*a Rússia é uma ameaça existencial para a Europa*"[1]. Estas são palavras fortes que apenas confirmam o que está escrito na Revisão Estratégica Nacional: "*A Rússia é a principal ameaça à segurança da França e da Europa até 2030.*"

Estas declarações e escritos são consistentes com posições semelhantes assumidas anteriormente. Em 2020, o presidente Macron já havia declarado que a Rússia "*continuaria a tentar desestabilizar as democracias ocidentais*"[2]. Na sequência das declarações políticas sobre a Rússia, quer da França, da Europa ou da OTAN, é

1 **HAMITI**, Ilyana. *Guerre en Ukraine: Emmanuel Macron qualifie la Russie de "menace existentielle"*. BFM, 6 de março de 2025. Disponível em: https://www.bfmtv.com/politique/elysee/guerre-en-ukraine-emmanuel-macron-qualifie-la-russie-de-menace-existentielle_AN-202503060984.html.

2 *Pour Emmanuel Macron, la Russie va « continuer à essayer de déstabiliser » les démocraties occidentales*. Le Monde, 15 de fevereiro de 2020. Disponível em: https://www.lemonde.fr/international/article/2020/02/15/pour-emmanuel-macron-la-russie-va-continuer-a-essayer-de-destabiliser-les-democraties-occidentales_6029708_3210.html.

evidente que, já em 2007, as autoridades ocidentais começaram a descrever o regime russo como estando no caminho do "*autoritarismo*"[3], particularmente após o discurso de Vladimir Putin em Munique.

Assim, durante quase 20 anos, verificou-se um endurecimento gradual do tom em relação à Rússia, e esta tendência não parece estar prestes a se reverter. A situação é agora marcada pela escalada na Ucrânia, e alguns observadores chegam mesmo a levantar a possibilidade de um conflito aberto com Moscou.

DE QUE A RÚSSIA É ACUSADA?

A pergunta pode parecer redundante, visto que as queixas contra a Rússia são levantadas quase diariamente, mas continua sendo útil reiterá-las claramente.

Desde os anos 2000 — e especialmente desde 2014 — governos ocidentais têm acusado a Rússia de adotar uma postura cada vez mais hostil em relação à ordem europeia. A principal acusação diz respeito ao uso da força e ao questionamento das fronteiras reconhecidas: a intervenção na Geórgia em 2008, a anexação da Crimeia em 2014 e a invasão da Ucrânia em 2022. Ao mesmo tempo, Moscou é acusada de interferência digital e informacional, por meio de ataques cibernéticos, invasões de sistemas e campanhas de desinformação direcionadas a instituições ocidentais e à opinião pública.

Os serviços de inteligência russos também são suspeitos de operações clandestinas no exterior — envenenamentos, assassinatos e outras atividades ilegais —, como no caso Skripal (2018) e no assassinato de uma figura da oposição em Berlim (2019). A situação é agravada pelo alegado uso da energia como instrumento de pressão, bem como pela deterioração gradual das relações com a OTAN, marcada por exercícios militares agressivos e acusações mútuas de violações de tratados. Por fim, muitos líderes europeus denunciam uma deriva autoritária na Rússia, caracterizada pela repressão da oposição e pela erosão das liberdades civis.

Essas críticas podem ser resumidas da seguinte forma:

3 **MENDRAS**, Marie, *Citizens in Danger: Human Rights and Freedom in Putin's Russia*. European Parliament, Directorate General External Policies of the Union, Fevereiro de 2008. Disponível em: https://www.europarl.europa.eu/RegData/etudes/divers/join/2008/385539/EXPO-JOIN_DV%282008%29385539_EN.pdf.

• Agressão militar e desafios à ordem internacional;

• Interferência política e digital nas democracias ocidentais;

• Ações clandestinas contra indivíduos ou interesses estrangeiros;

• Uso da energia como instrumento de pressão;

• Deriva rumo ao autoritarismo interno que mina o Estado de Direito.

No discurso ocidental, esse acúmulo de queixas alimenta a imagem da Rússia como adversária e potência revisionista capaz de desestabilizar permanentemente a segurança europeia.

O QUE A RÚSSIA TEM CONTRA OS PAÍSES OCIDENTAIS?

Este é um aspecto frequentemente negligenciado — às vezes até ridicularizado —, mas a Rússia também tem diversas queixas contra o Ocidente.

Desde o início dos anos 2000, Moscou tem expressado regularmente suas preocupações, acreditando que os países ocidentais estão minando sua segurança e influência em sua vizinhança imediata. A expansão da OTAN para o leste está no cerne dessas queixas: uma expansão percebida como cerco estratégico, reforçado pelo destacamento de forças, sistemas de defesa antimísseis e exercícios militares perto de suas fronteiras.

A isso se soma a acusação recorrente de interferência política. Revoluções coloridas e o apoio a certas forças políticas ou ONGs atuantes em sua "vizinhança próxima" são interpretados como tentativas de remodelar o cenário político regional às custas da Rússia. Moscou também critica as sanções ocidentais impostas desde 2014, que apresenta como medidas arbitrárias e injustificadas.

Internacionalmente, a Rússia denuncia o que considera "*dois pesos e duas medidas*" por parte dos Estados ocidentais, citando intervenções no Iraque, na Líbia e na Síria como violações do direito internacional que foram toleradas ou justificadas. Por fim, acredita-se que o Ocidente busca impor suas normas — políticas, sociais e culturais — por meio de suas posições públicas, instituições e meios de comunicação, o que contribuiria para manter uma representação distorcida ou hostil da Rússia.

Essas queixas se estruturam em torno de vários temas principais:

• Ameaça militar e expansão da OTAN;

• Interferência política em países próximos à Rússia;

• Pressão econômica por meio de sanções;

• Aplicação desigual de normas internacionais;

• Disseminação de valores estrangeiros e ideológicos;

• Construção de uma imagem negativa através da mídia.

Na visão russa, esses fatores justificam uma política externa de proteção de fronteiras, reforço militar e contra-influência diplomática, visando preservar seu espaço estratégico e afirmar sua posição no cenário internacional.

CONTEXTUALIZANDO OS PONTOS DE VISTA

Em resumo, apesar de suas diferenças, ambos os lados se acusam mutuamente de comportamentos semelhantes, que podem ser resumidos da seguinte forma:

• Ameaça militar e expansão estratégica;

• Interferência política e apoio a movimentos desestabilizadores;

• Violação ou interpretação contestada do direito internacional;

• Guerra híbrida: ciberataques, desinformação, influência da mídia.

Esse espelhamento evidencia uma dinâmica na qual cada lado se vê como vítima das manobras do outro, justificando suas escolhas estratégicas e o reforço militar como respostas necessárias a uma ameaça percebida.

CONSEQUÊNCIAS

Quer queiramos ou não, algumas das queixas que a Rússia expressa contra os países ocidentais baseiam-se em fatos objetivos, o que nos lembra que a situação está longe de ser preto no branco. O verdadeiro perigo reside na dificuldade que cada lado tem em reconhecer sua quota de responsabilidade, alimentando uma espiral de tensões que poderá, em última instância, conduzir a um confronto aberto.

Nem a Rússia nem os países europeus desejam verdadeiramente uma guerra, e esta seria contrária aos seus respectivos interesses. Contudo, cada um encontra vantagens políticas internas nas tensões atuais. Moscou utiliza a hostilidade ocidental para reforçar a coesão nacional e consolidar o seu *status* de grande potência. Por sua vez, vários Estados europeus apoiam-se na ameaça russa para justificar seu rearmamento — necessário em um contexto global instável — mas também para fomentar um sentido de unidade europeia que facilite, direta ou indiretamente, o avanço de um projeto político para uma Europa federal.

Neste contexto, a OTAN mantém uma posição em que a percepção de uma ameaça russa permanece central para a sua coesão e razão de ser estratégica. Sem afirmar que a Aliança "*deseja*" um confronto, é evidente que uma Rússia percebida como hostil fortalece seu papel, legitimidade e utilidade política aos olhos de seus membros.

Assim, por diferentes razões, cada lado mantém a visão do outro como um adversário necessário. Ao se designarem repetidamente como inimigos e endurecerem sua retórica, cada um se torna uma ameaça muito real para o outro. Este é o mecanismo clássico da profecia autorrealizável: ao tentar se proteger de um conflito, cria-se gradualmente as condições para ele. Porque quando um país é publicamente rotulado como inimigo, enquanto simultaneamente fornece apoio militar ao seu adversário e impõe sanções maciças, não se pode razoavelmente esperar gestos de boa vontade em troca.

* * *

Atualmente, estamos seguindo uma trajetória conflituosa com a Rússia, que se torna urgente conter. Essa dinâmica é ainda mais difícil de reverter porque é alimentada por dinâmicas políticas internas específicas de cada lado.

Um primeiro passo seria moderar as declarações públicas e não concentrar nosso necessário rearmamento exclusivamente na ameaça russa. A instabilidade global já justifica um aumento do poderio militar, independentemente de Moscou, e seria perigoso se o fim de um conflito fosse suficiente para interromper esse esforço simplesmente porque toda a argumentação se baseava em um único adversário.

Precisamos também passar das palavras à ação: o rearmamento é frequentemente discutido, mas tem dificuldades para se concretizar, enquanto a conscientização pública sobre um futuro conflito desempenha um papel cada vez mais importante. Por que preparar psicologicamente os cidadãos para a guerra se nossas capacidades militares não estarão à altura da tarefa por vários anos?

Talvez seja hora de priorizar a credibilidade da dissuasão convencional em detrimento da retórica alarmista. Reduzir as tensões também envolve dominar a linguagem: suavizar o discurso não significa baixar a guarda, mas simplesmente evitar dar oportunidade a uma escalada verbal desnecessária, infantil e potencialmente perigosa.

Publicado no Le Diplomate.Media.

***Olivier Dujardin** é pesquisador associado do Centre Français de Recherche sur le Renseignement (Cf2R), chefe da seção de tecnologias e armamentos e consultor independente. Ele tem mais de 20 anos de experiência em guerra eletrônica, processamento de sinais de radar e análise de sistemas de armas. Ocupou cargos operacionais em guerra eletrônica, no estudo de sistemas de radar, guerra eletrônica e análise e coleta de sinais eletromagnéticos. Ele também ocupou o cargo de especialista técnico em sistemas de coleta SIGINT.*